

A GERAÇÃO Z CHEGA À UNIVERSIDADE:

Características socioeconômicas dos possíveis concluintes de cursos superiores no Brasil entre 2017 e 2019

Mariana Domingues¹ Gonçalves da Silva

RESUMO

O acesso à educação superior se ampliou e verificou-se uma progressiva expansão nas taxas de matrículas. Apesar da existência de uma população universitária em crescimento, o acesso às universidades continua restrito a algumas parcelas da população. No período de 1960 a 2002 observou-se uma elevação nas matrículas de graduação em 37 vezes. O crescimento foi de 126,90% no intervalo de 1995 a 2010 nas instituições públicas. Além disso, a ampliação no número de instituições de ensino superior, no período de 2003 a 2010, apresentaram um crescimento correspondente a 35% nas faculdades públicas contra 27% nas de ensino privado. Os esforços de expansão do acesso ao ensino superior ampliaram a presença de estudantes de estratos de renda mais baixos, seja por programas como o Prouni ou pelo estabelecimento de cotas para oriundos de escolas públicas, alterando o perfil dos estudantes universitários, para além de diferenças geracionais. A questão investigativa proposta é: Quais as características dos estudantes do ensino superior que finalizaram seus cursos às vésperas da crise sanitária? A pesquisa tem por objetivo descrever o perfil desses estudantes, buscando indícios da presença de desigualdades no acesso ao ensino superior de forma a refletir sobre a importância de políticas afirmativas na ampliação das oportunidades. A pesquisa utiliza a perspectiva da abordagem das capacitações, desenvolvida majoritariamente por Amartya Sen e Martha Nussbaum para refletir sobre as desigualdades de oportunidades. Além da revisão bibliográfica a partir dos autores vinculados à abordagem das capacitações e de autores que analisam a relação entre educação e autonomia, para caracterizar os estudantes universitários, a pesquisa pretende utilizar os microdados disponíveis no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), a partir de resultados obtidos no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade).

PALAVRAS-CHAVE: Geração Z. Características. Ensino Superior. Abordagem das Capacitações.

ÁREA DE ATUAÇÃO: Economia. Desenvolvimento Socioeconômico. Educação Superior no Brasil.

¹Graduanda em Ciências e Humanidades. Universidade Federal do ABC – UFABC. Email: domingues.mariana@aluno.ufabc.edu.br.

Orientadora: Prof.^a Mônica Yukie Kuwahara. Docente do Bacharelado e do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do ABC - UFABC. E-mail: monica.kuwahara@ufabc.edu.br

Esta pesquisa recebeu apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFABC, através do Edital 04/2021 PDPD (Pesquisando Desde o Primeiro Dia).

INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO

Os estudantes universitários no Brasil são predominantemente jovens alunos nascidos em fins da década de 1990 e no início dos anos 2000 (QUINTANILHA, 2017). Eles nasceram e cresceram em uma sociedade onde o acesso à internet já era uma realidade, integrando a chamada geração Z.

Em meio a pandemia da Covid-19 as diferenças geracionais tornaram-se tema das discussões nas mídias sociais, confrontando principalmente as divergências entre os “millennials” e a geração Z, mas evidenciando uma suposta vantagem da geração Z para se adaptar às novas condições de ensino e aprendizagem. Um olhar menos otimista, porém, poderia identificar desigualdades de oportunidades entre estudantes dessa geração decorrentes das restrições de acesso aos recursos tecnológicos para participar desse mundo de ensino à distância.

O acesso à educação superior se ampliou e verificou-se uma progressiva expansão nas taxas de matrículas. Apesar desse crescimento, o acesso às universidades continua restrito a algumas parcelas da população. No período de 1960 a 2002 as matrículas de graduação aumentaram 37 vezes (PINTO, 2004, p.729). No decorrer dos anos, a Taxa de Escolarização Bruta na Educação Superior, razão entre o número total de matrículas em um dado nível de ensino e a população na faixa etária adequada a esse nível, que em 1960 correspondia a apenas 1%, passa no início dos anos 2000 a representar 15% (INEP, 2004). Contudo, essa mudança foi acompanhada de um processo desigual na distribuição de matrículas entre o ensino público e privado. Em 2002, 70% dos estudantes cursavam a graduação no setor privado tornando o Brasil um dos países com mais elevado grau de privatização desse nível de ensino, quase três vezes maior que a média dos países da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) (PINTO, 2004).

O crescimento de matrículas nas instituições públicas foi de 126,90%, no intervalo de 1995 a 2010 (FILARDI; PADIM, 2015, p.413). Além disso, a ampliação no número de instituições de ensino superior, no período de 2003 a 2010, apresentou um crescimento correspondente a 35% nas faculdades públicas contra 27% nas de ensino privado (FILARDI; PADIM, 2015, p.409). Em parte, resultado da promoção de iniciativas governamentais de democratização do acesso ao ensino superior — implementadas naquela época.

Os esforços de expansão do acesso ao ensino superior ampliaram a presença de estudantes de estratos de renda mais baixos, seja por programas como o Prouni ou pelo estabelecimento de cotas para oriundos de escolas públicas, alterando o perfil dos estudantes universitários, para além de diferenças geracionais. Almeida (2007) destaca que a presença de alunos oriundos de escolas públicas e sob a condição de trabalhadores-estudantes seja desviante ao dito como típico discente da Universidade de São Paulo (USP).

Diante da problemática colocada, a pesquisa apresenta como questão investigativa responder: Quais as características dos estudantes do ensino superior que finalizaram seus cursos às vésperas da

crise sanitária? A resposta condiciona a pesquisa ao objetivo de descrever o perfil desses estudantes, buscando indícios da presença de desigualdades no acesso ao ensino superior de forma a refletir sobre a importância de políticas afirmativas na ampliação das oportunidades.

A pesquisa utiliza a perspectiva da abordagem das capacitações, desenvolvida majoritariamente por Amartya Sen e Martha Nussbaum para refletir sobre as desigualdades de oportunidades. A abordagem das capacitações se propõe a analisar de forma interdisciplinar aspectos plurais relacionados ao bem-estar, e vislumbrar suas aplicações perante as desigualdades no âmbito educacional e nas capacidades de ingresso.

Em termos de procedimentos, utilizam-se os microdados do Enade disponibilizados pelo INEP. A base utilizada contém microdados referentes a 1.519.493 concluintes de cursos superiores; 537.436 que realizaram o Enade 2017, 548.127 correspondentes ao Enade 2018 e 433.930 ao Enade 2019. Entre as informações buscadas nessa base destacam-se a idade média dos alunos; o intervalo de tempo entre a conclusão do ensino médio e o ingresso na graduação; a categoria de escola que frequentaram durante o ensino médio; o uso de políticas de ação afirmativa e inclusão social; a renda familiar; e o grau de escolaridade materna e paterna, com o propósito de descrever o corpo discente construído no processo de expansão da educação superior no Brasil.

Ao longo da pesquisa, esses dados são utilizados para estabelecer as características socioeconômicas dos estudantes, com estatísticas descritivas que permitam relacionar o tipo de instituição e curso com as características dos alunos, traçando um panorama do perfil dos estudantes, sobretudo da Geração Z, prestes a concluir os respectivos cursos de graduação.

Os resultados desses esforços de reflexão são apresentados em três seções. A primeira seção expõe um panorama das iniciativas governamentais voltadas à educação superior implementadas no país que de algum modo favoreceram o acesso a essa modalidade de ensino; e apresenta sob a perspectiva da abordagem das capacitações a educação como um elemento que ajuda a ampliar as liberdades. A segunda seção utiliza os microdados do Enade para traçar o perfil dos possíveis concluintes do ensino superior. A terceira seção caracteriza os universitários da Geração Z usando os microdados do Enade e o material bibliográfico produzido acerca dessa geração.

1. A EDUCAÇÃO COMO ELEMENTO A AMPLIAR AS LIBERDADES

No Brasil, alguns programas governamentais foram fundamentais para o aumento do acesso à educação superior. O FIES (Fundo de Financiamento Estudantil do Ensino Superior), por exemplo, permitiu que, a partir de 1999 se ampliasse a entrada no ensino superior privado, mediante a oferta de “financiamento a estudantes regularmente matriculados em cursos superiores não gratuitos” (BRASIL, 2001). Ainda no que se refere às instituições privadas de ensino superior, o Prouni (Programa Universidade para Todos), criado em 2004, contribuiu com a concessão de bolsas de estudos integrais ou parciais em faculdades particulares. Do ponto de vista das instituições públicas ressalta-se o REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação da Educação Superior), de 2007, que possuía entre seus propósitos a criação de novas Universidades e *Campi* universitários no país.

No momento subsequente, algumas ações se constituíram essenciais na difusão do ingresso às universidades e na transformação do perfil dos discentes. Em 2010, a implementação do SISU (Sistema de Seleção Unificada), ante a possibilidade da candidatura a vagas em instituições públicas de ensino superior do país inteiro com a nota do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Como também, a Lei de Cotas (2012), segundo a qual uma porcentagem das vagas universitárias é reservada a estudantes oriundos de escolas públicas, de baixa renda, negros, pardos, indígenas, e pessoas com deficiência — contribuindo para sua inclusão nesse espaço.

Outra iniciativa de ampliação do acesso ao ensino superior a se destacar é a regulamentação da modalidade EAD (Ensino a Distância) através da implementação da Lei de Diretrizes e Bases – LDB (2005). Segundo Mill (2016), o período entre 2006 e 2015 correspondeu ao momento de consolidação do setor no Brasil. Em paralelo ao crescimento no número de cursos superiores a distância a partir de 2006, foi identificada uma progressiva elevação nas matrículas nesta variedade de ensino no país (SOARES JUNIOR, 2021, p.10). Assim, diversos processos cooperaram para o crescimento da população universitária nas últimas décadas.

Segundo Pinto (2005), a necessidade de ampliar o acesso à educação superior está atrelada a democratização do perfil dos alunos. A diversidade é necessária não apenas para ampliar as oportunidades de acesso a grupos desfavorecidos, como forma de redução da desigualdade, mas porque a diversidade é um elemento importante para o desenvolvimento (SEN, 2000). Tendo em vista que Amartya Sen (2000) compreende o desenvolvimento como uma condição tal onde as pessoas possam ser e realizar o que quer que almejem, a educação, nesta abordagem, tem papel crucial.

Ademais, a abordagem inclui um olhar sob a noção de qualidade de vida e perpassa a remoção de obstáculos que impedem uma maior fruição da liberdade dos indivíduos em viver uma vida que, após uma reflexão, têm razões para valorizar (ROBEYNS, 2005). Diante disso, encontra-se o conceito

de capacitação, como a expressão da liberdade substancial das pessoas em realizar escolhas de vida; e funcionamento, como as possibilidades efetivas de concretização das capacitações (SEN, 2000).

A partir da abordagem das capacitações pretende-se refletir sobre o acesso à educação como elemento que amplia as possibilidades de realizações dos indivíduos. A educação seria considerada, nos termos da abordagem, como um fator de conversão. Fatores de conversão seriam características tanto das pessoas quanto do ambiente onde as pessoas vivem, que afetam a pessoa e as alternativas de escolhas e ações (na linguagem da abordagem, funcionamentos) diferentes em busca de sua realização pessoal (COMIM, 2021; HART, 2012).

De acordo com Almeida (2007), ao realizar uma entrevista com estudantes universitários com desvantagens socioeconômicas, mesmo mediante um quadro de baixa escolarização parental havia o interesse que os filhos atingissem os vários níveis de escolaridade.

A educação seria uma variável que contribuiria para a liberdade e autonomia da escolha. No entanto, nem todos os indivíduos conseguem converter os recursos educacionais para gerar vantagens iguais ou até mesmo semelhantes ao longo da vida. Assim, embora duas pessoas alcancem o mesmo nível de qualificação a partir de sua educação, elas podem ter diferentes oportunidades. As limitações geradas podem se apresentar pela combinação entre suas características pessoais e os valores e normas culturais presentes na sociedade em que estão inseridas (MILL, 2016). No escopo da abordagem das capacitações, essas limitações configurariam privações. Sen (2000) e Nussbaum (2011) ressaltam a importância da educação para o desenvolvimento das sociedades, e como uma ferramenta fundamental para a emancipação e nesse sentido, as privações associadas ao não acesso à educação são indesejáveis.

Sen (2008) enfatiza como “as sociedades e comunidades às quais pertencemos oferecem oportunidades bastante diferentes quanto ao que podemos ou não podemos fazer” (p. 50). Bem como, que as características pessoais são recursos importantes para avaliar a desigualdade, visto que interferem no potencial dos indivíduos de realizar funcionamentos. Por exemplo, “Uma pessoa incapacitada não pode realizar funcionamentos do modo como uma pessoa com o “corpo hábil” pode, ainda que ambas tenham exatamente a mesma renda” (SEN, 2008, p. 51). Assim como, o acesso à educação superior por si só não reflete igualmente no potencial de realização de funcionamentos, é preciso esmiuçar o perfil dos universitários para identificar como suas características pessoais atuam na ampliação das liberdades.

Dessa forma, vislumbrar os estudantes a partir do Enade permite não apenas compreender aspectos daqueles que ingressaram na graduação, mas contemplar quem se beneficiou de iniciativas governamentais de ampliação do acesso e está prestes a concluir o ensino superior.

2. OS POSSÍVEIS CONCLUINTES DO ENSINO SUPERIOR - PRIMEIRO PANORAMA

A principal fonte de dados da pesquisa é a base de dados coletada e organizada por ocasião do ENADE. O Enade (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes) é uma prova que avalia o rendimento dos concluintes dos cursos de graduação e integra o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), permitindo o acesso às respostas acerca dos tópicos “Informações do Estudante” e “Questionário do Estudante”.²

A prova é aplicada pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) desde 2004. O Ciclo Avaliativo do Enade é composto por uma análise das áreas de conhecimento e eixos tecnológicos, juntamente aos cursos a elas vinculados, analisados ao longo de três anos. Assim, no presente trabalho a análise de dados volta-se ao último ciclo disponível, referente aos anos de 2017, 2018 e 2019, visto que equivalem, respectivamente, ao Ano II, III e I.

Nesse período, o Ano I é responsável pela avaliação dos cursos de bacharelado em Ciências Agrárias, Ciências da Saúde e áreas afins; Engenharias, Arquitetura e Urbanismo; além dos cursos superiores de tecnologia nas áreas de Ambiente e Saúde, Produção Alimentícia, Recursos Naturais, Militar e Segurança.

No Ano II o enfoque está nos bacharelados e licenciaturas em Ciências Biológicas; Ciências Exatas e da Terra; Ciências Humanas, Ciências da Saúde; Linguística, Letras, Artes e áreas afins; assim como, nos cursos tecnólogos nas áreas de Controle e Processos Industriais, Informação e Comunicação, Infraestrutura e Produção Industrial.

Já o Ano III é voltado para os cursos de bacharelado em Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e áreas afins; e de tecnologia nas áreas de Gestão e Negócios, Apoio Escolar, Hospitalidade e Lazer, Produção Cultural e Design.

Os parâmetros empregados aos cursos de bacharelado e licenciatura são oriundos da tabela de áreas de conhecimento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e os eixos tecnológicos são embasados no Catálogo Nacional de Cursos Superiores de Tecnologia (CNCST), do Ministério da Educação.

Dentre os universitários que fizeram o ENADE 2017, 2018 e 2019, 56% pertenciam ao sexo feminino e 44% ao sexo masculino; eram majoritariamente brancos (53,17%), solteiros (72, 59%), moravam com os pais e/ou outros parentes (55,28%), dependiam em algum grau da ajuda financeira da família ou de outras pessoas (55,43%) e possuíam uma renda familiar de até 4,5 salários mínimos (69,11%).

² Foram utilizadas bases de dados disponíveis em 2021, quando se iniciou a pesquisa, antes do INEP estabelecer mudanças na forma de divulgação de microdados.

Além disso, alguém em suas famílias concluiu um curso superior (67,95%), porém os pais da maioria não possuem ensino superior/graduação (80,33% dos pais e 74,94% das mães), sendo o maior grau de escolarização paterno e materno o ensino médio (31,52% pais e 33,25% mães).

Em relação à situação de trabalho, os números concentram-se nos dois extremos: 40,21% não estão trabalhando, enquanto 34,97% trabalham 40 horas semanais ou mais. A diferença mais significativa entre esses dois grupos é que no grupo de estudantes que não estão trabalhando há uma predominância feminina (64,53%), dado peculiar, visto que, o sexo feminino é majoritário entre as menores rendas familiares: 65,79% em até 1,5 salário mínimo e 61,77% de 1,5 até 3 salários mínimos.

O perfil também inclui uma idade média de 29 anos, moda 23 anos e mediana 26 anos; haviam estudado todo o ensino médio em escola pública (65,51%) na modalidade ensino médio tradicional (81,69%), em média concluído o ensino médio em 2008 e iniciado a graduação em 2014 (um intervalo de 6 anos). Diante a modalidade de ensino do curso superior, a distribuição está em 84,54% presencial e 15,46% EaD. Sendo que, o período noturno engloba 53,32% dos estudantes.

Para a maioria dos estudantes o ingresso no ensino superior não se deu por meio de políticas afirmativas ou de inclusão social (77,62%). Diante disso, a maior utilização de políticas afirmativas e de inclusão social encontra-se entre pretos (34,62%), pardos (27,91%) e indígenas (31,68%).

Ao longo de sua trajetória acadêmica, a maioria dos estudantes não recebeu nenhum tipo de bolsa de permanência (93,31%) ou bolsa acadêmica (80,50%). Dentre os que receberam algum tipo de bolsa permanência, a maioria é negra em 4 dos 5 critérios, a partir da soma de pretos e pardos. No auxílio moradia, 53,96% [pretos (13,09%) e pardos (40,87%)], no auxílio-alimentação, 51,31% [pretos (12,56%) e pardos (38,75%)], no auxílio permanência, 57,16% [pretos (16,28%) e pardos (40,58%)], e em outros tipos de auxílio 50,98% [pretos (12,49%) e pardos (38,49%)]. No critério auxílio moradia e alimentação o número de negros e brancos a recebê-lo é similar — respectivamente, 46,27% e 47,69%.

Entretanto, entre os estudantes que receberam bolsas acadêmicas a maioria são brancos: 58,08% das bolsas de iniciação científica; 52,99% das bolsas de extensão; 55,98% das bolsas de monitoria/tutoria; 54,67% das bolsas PET; e 50,94% de outros tipos de bolsa acadêmica.

Ademais, a maioria dos estudantes não recebeu bolsas de estudos ou financiamento estudantil para custear todas ou a maior parte das mensalidades do curso superior (54,84%), 23,57% não receberam nenhuma porque o curso era gratuito e 31,27% nenhuma embora o curso não fosse gratuito. Dentre aqueles que receberam algum tipo de bolsa de estudos ou financiamento, a maioria foi através do FIES (18,73%), seguido por bolsa oferecida pela própria instituição (8,45%) e ProUni integral (7,77%).

3. UNIVERSITÁRIOS DA GERAÇÃO Z

Mediante a análise de estatísticas descritivas referentes ao último Ciclo Avaliativo do ENADE — Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (2017, 2018 e 2019) constatou-se que 38,42% dos concluintes do ensino superior possuem idade inferior a 24 anos, compondo a chamada Geração Z.

Os pertencentes a Geração Z são os indivíduos nascidos em meados da década de 1990 até 2010 (QUINTANILHA, 2017; JORDÃO, 2016), a partir de 1993 (LEVENFUS, 2002; MESSIAS, 2010; FAGUNDES, 2011 apud MAURER, 2013) ou entre 1995 e 2009 (MCCRINDLE, 2014).

São chamados de Geração Z, bem como ‘Zs’, ‘Zees’, ‘Zeds’ ou ainda “Homo Zappiens” devido ao hábito de “zapear”, isto é, trocar constantemente de canal da televisão. Compartilham a atenção entre múltiplas tarefas, “variando dentre muitas opções tais como, canais de televisão, internet, vídeo game, telefone e MP3 players, etc.” (JORDÃO, 2016). “Eles se movem rapidamente de uma tarefa para outra, muitas vezes valorizando mais a velocidade do que a precisão.” (MCCRINDLE, 2014, p. 72). É comum encontrá-los assim: “televisão ligada enquanto estudam para as provas e fones de ouvido ao redigir um trabalho” (MESSIAS, 2010 apud FAGUNDES, 2014).

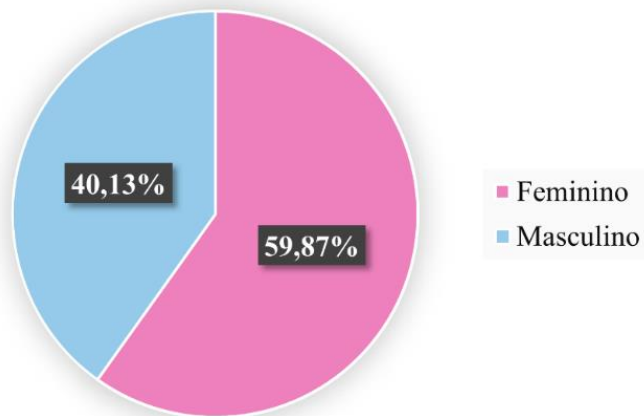
Segundo Jordão (2016), os membros dessa geração nasceram ante a idealização e nascimento da World Wide Web, criada em 1990 por Tim Berners-Lee e no “boom” da criação dos aparelhos eletrônicos. McCrindle (2014) aponta:

(...) é a geração mais materialmente dotada, saturada de tecnologia, conectada globalmente e formalmente educada que nosso mundo já viu (...) tendo usado a tecnologia desde a mais tenra idade, integrou a tecnologia perfeitamente em quase todas as áreas de suas vidas, sendo conhecida como integradores digitais. (MCCRINDLE, 2014, p. 15).

Estão começando a concluir o ensino superior. “A geração mais antiga de Zeds começou a universidade em 2013 — eles são os alunos de hoje e os funcionários de amanhã” (MCCRINDLE, 2014, p. 14). Assim sendo, esmiúçam-se as características dos estudantes universitários de idade inferior a 24 anos (Zs), que em média, concluíram o ensino médio em 2013 e começaram a graduação em 2014.

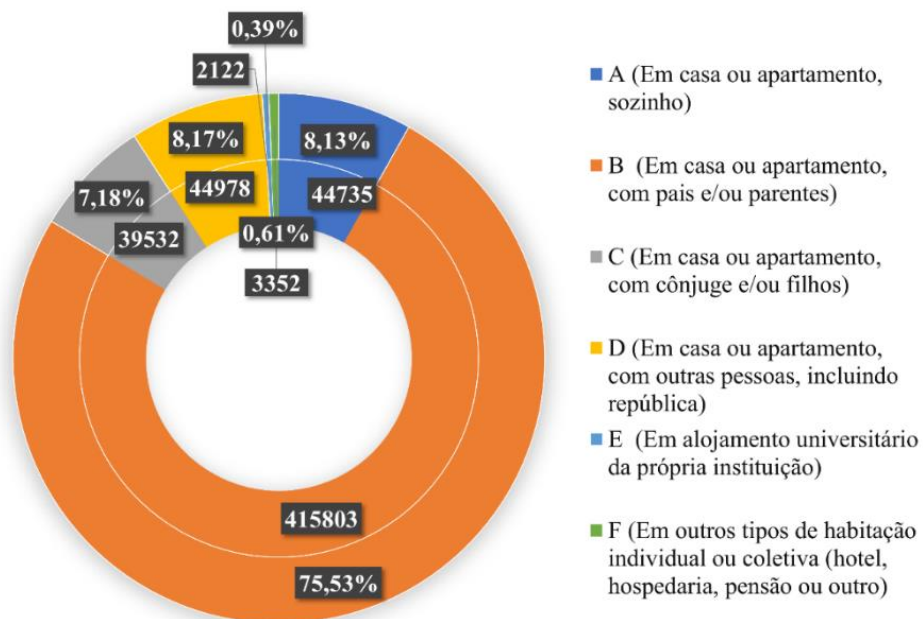
São majoritariamente solteiros (93,45%), do sexo feminino (59,87%), moram atualmente em casa/apartamento, com pais e/ou parentes (75,53%); a maioria não tem renda e seus gastos são financiados pela família ou outras pessoas (37,08%), ou então possuem renda, mas recebem ajuda da família ou de outras pessoas para financiar seus gastos (33,85%).

FIGURA 1: SEXO ENTRE MENORES DE 24 ANOS



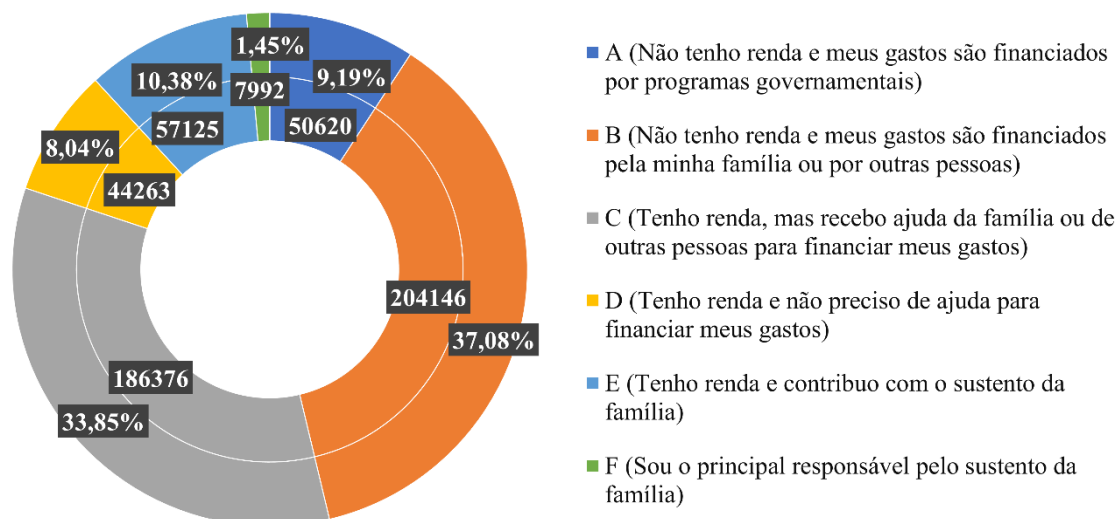
Fonte: INEP. Microdados Enade 2017, 2018 e 2019. Questionário do Estudante. Elaboração Própria.

FIGURA 2: TIPO DE MORADIA ENTRE MENORES DE 24 ANOS



Fonte: INEP. Microdados Enade 2017, 2018 e 2019. Questionário do Estudante. Elaboração Própria.

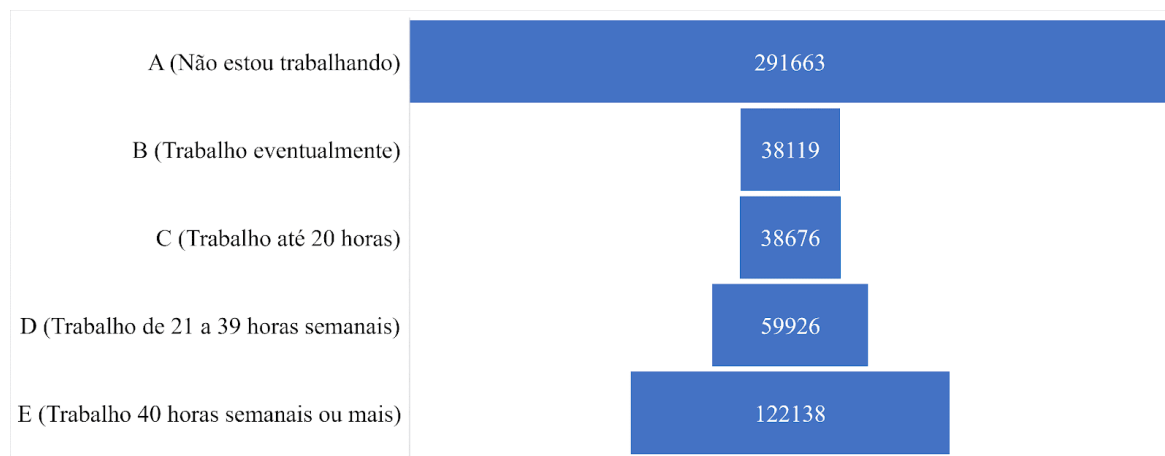
FIGURA 3: SITUAÇÃO FINANCEIRA ENTRE MENORES DE 24 ANOS



Fonte: INEP. Microdados Enade 2017, 2018 e 2019. Questionário do Estudante. Elaboração Própria.

Em relação à situação de trabalho (com a exceção de estágios e bolsas), a maior parte, 52,98% (291.663), não está trabalhando. Entre os demais, 22,19% (122.138) trabalham 40 horas semanais ou mais; 10,89% (59.926) trabalham de 21 a 39 horas semanais; 7,03% (38.676) trabalham até 20 horas e 6,92% (38.119) trabalham eventualmente.

FIGURA 4: SITUAÇÃO DE TRABALHO ENTRE MENORES DE 24 ANOS



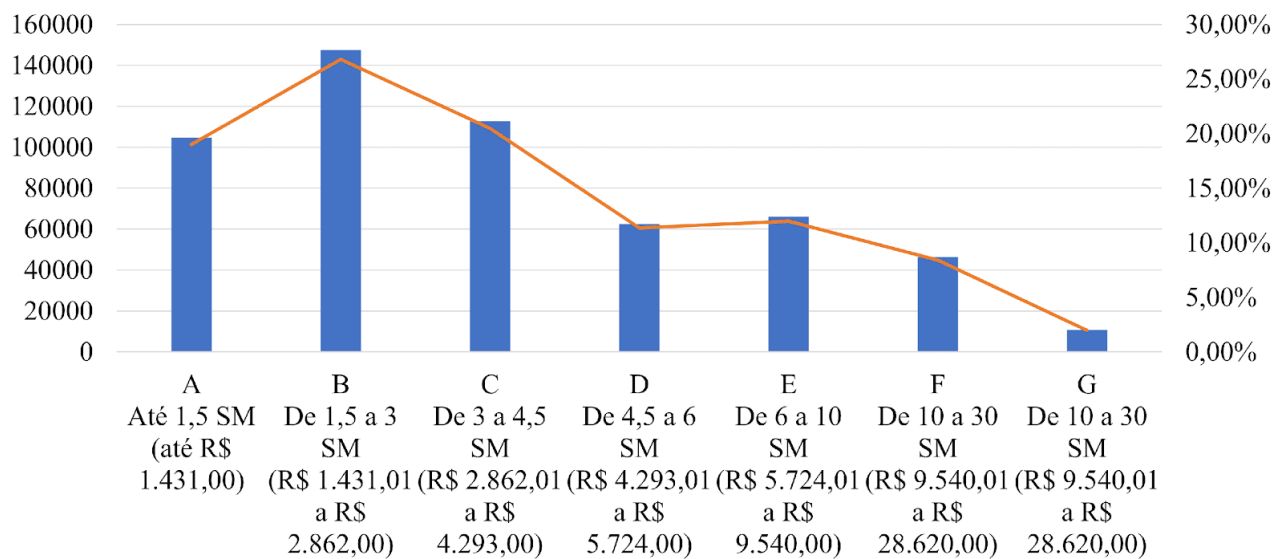
Fonte: INEP. Microdados Enade 2017, 2018 e 2019. Questionário do Estudante. Elaboração Própria.

Tais características assemelham-se ao perfil traçado por Rosane Schotgues Levenfus, Mestre em Psicologia Clínica e Orientadora Vocacional, a respeito do comportamento da Geração Z:

Não fazem a menor questão de sair de casa para morar sozinhos como sonhavam seus pais nos anos 60. Adoram o conforto tecnológico proporcionado pelos pais. Além disso, é mais barato e a adolescência foi prolongada a tal termo que quase ninguém entra no mercado de trabalho com menos de 30 anos. (LEVENFUS, 2002, p. 51).

Quanto à renda total familiar, a maior porcentagem (26,81%) refere-se à renda de 1,5 a 3 salários mínimos, isto é, R\$ 1.431,01 a R\$2.862,00. Seguida de 3 a 4,5 salários mínimos (R\$ 2.862,01 a R\$ 4.293,00) — 20,48%, e de até 1,5 salário mínimo (até R\$ 1.431,00) — 19%.

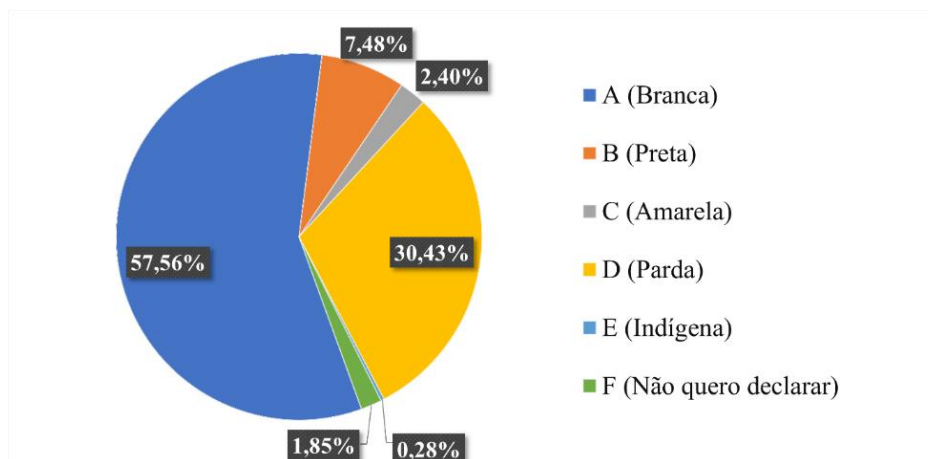
FIGURA 5: RENDA FAMILIAR TOTAL ENTRE MENORES DE 24 ANOS



Fonte: INEP. Microdados Enade 2017, 2018 e 2019. Questionário do Estudante. Elaboração Própria.

Ante a questão “Qual sua cor ou raça?”, 57,56% dos ‘Zs’ se autodeclararam brancos; 7,48% pretos; 2,40% amarelos; 30,43% pardos; 0,28% indígenas e 1,85% não quiseram declarar.

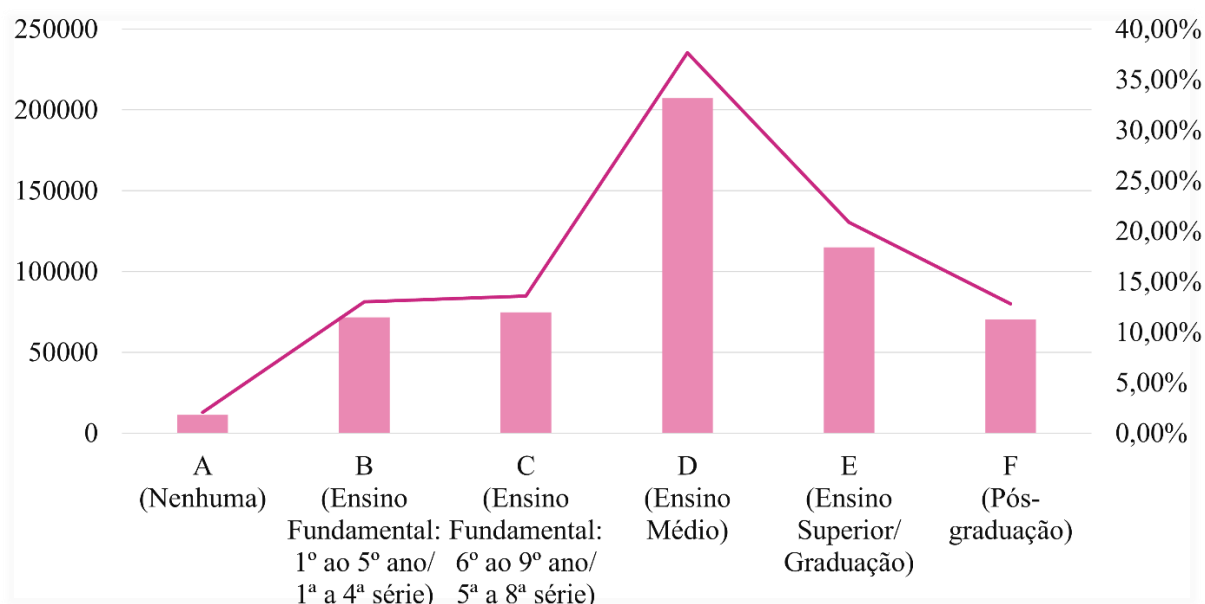
FIGURA 6: COR OU RAÇA ENTRE MENORES DE 24 ANOS



Fonte: INEP. Microdados Enade 2017, 2018 e 2019. Questionário do Estudante. Elaboração Própria.

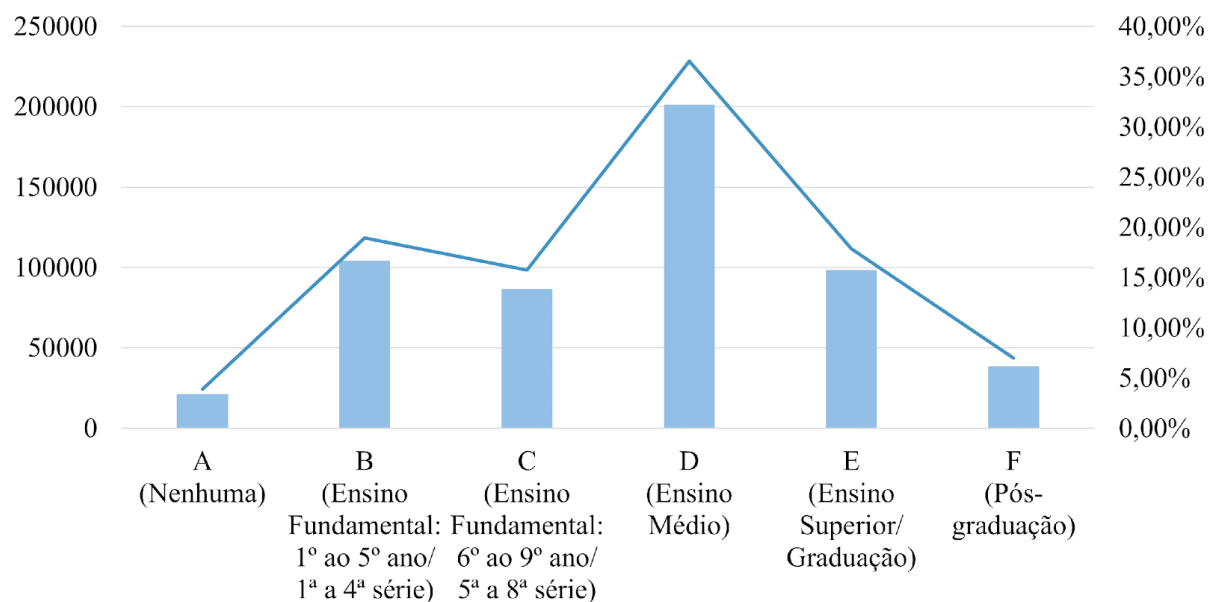
Os jovens 'Zs' têm alguém na família que concluiu um curso superior (69,72%). À vista disso, 33,68% das mães destes universitários possuem ensino superior (20,89% graduação e 12,79% pós-graduação). Assim como, 24,88% dos pais (17,88% graduação e 7% pós-graduação) — uma diferença de 8,8% entre a escolaridade materna e paterna no âmbito do ensino superior. Contudo, a escolarização da maioria dos genitores corresponde ao ensino médio — 37,67% das mães e 36,53% dos pais.

FIGURA 7: ESCOLARIDADE MATERNA ENTRE MENORES 24 ANOS



Fonte: INEP. Microdados Enade 2017, 2018 e 2019. Questionário do Estudante. Elaboração Própria.

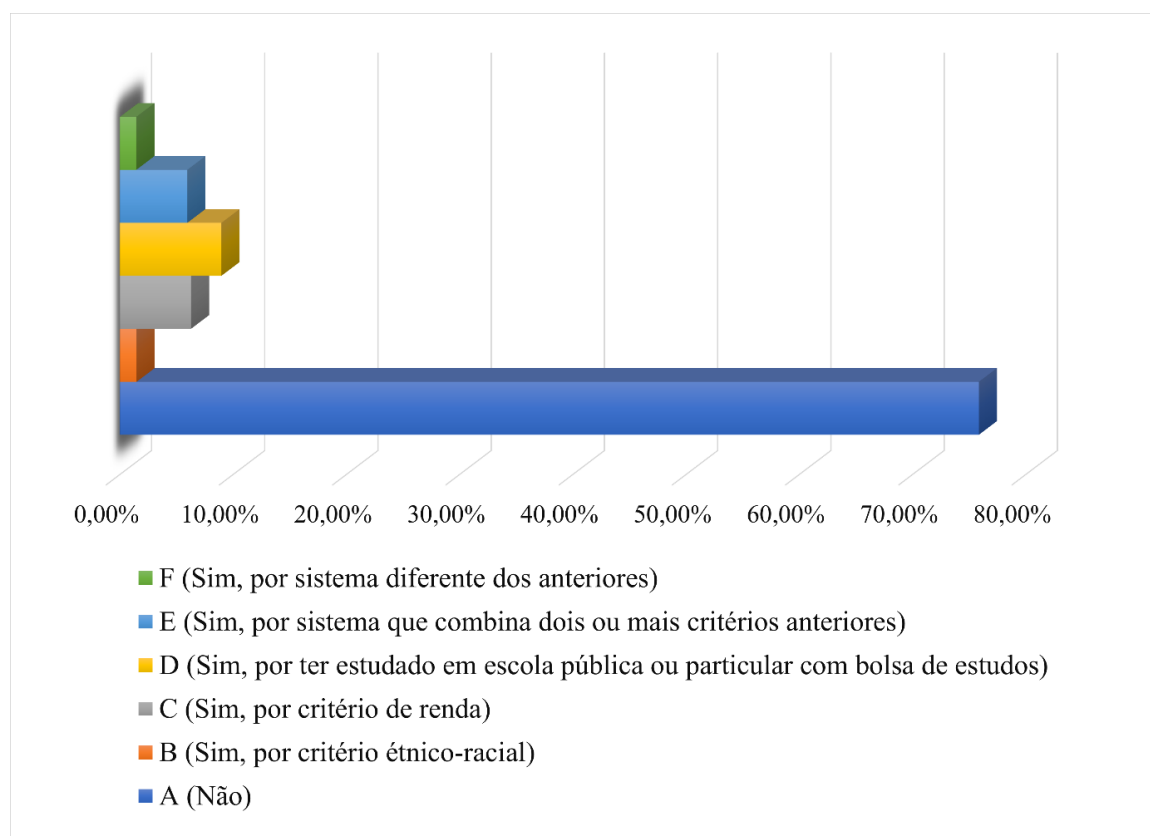
FIGURA 8: ESCOLARIDADE PATERNA ENTRE MENORES DE 24 ANOS



Fonte: INEP. Microdados Enade 2017, 2018 e 2019. Questionário do Estudante. Elaboração Própria.

No momento de ingresso no curso de graduação, 75,87% dos universitários ‘Zs’ não adentraram por meio de políticas de ação afirmativa ou inclusão social. Dentre os outros 24,13%, 8,97% utilizaram-nas por ter estudado em escola pública ou particular com bolsa de estudos; 6,27% por critério de renda; 1,48% por critério étnico-racial; 5,95% por sistema que combina dois ou mais critérios anteriores; e 1,45% por sistema diferente dos anteriores.

FIGURA 9: INGRESSO POR MEIO DE POLÍTICAS DE AÇÃO AFIRMATIVA OU INCLUSÃO SOCIAL ENTRE MENORES DE 24 ANOS

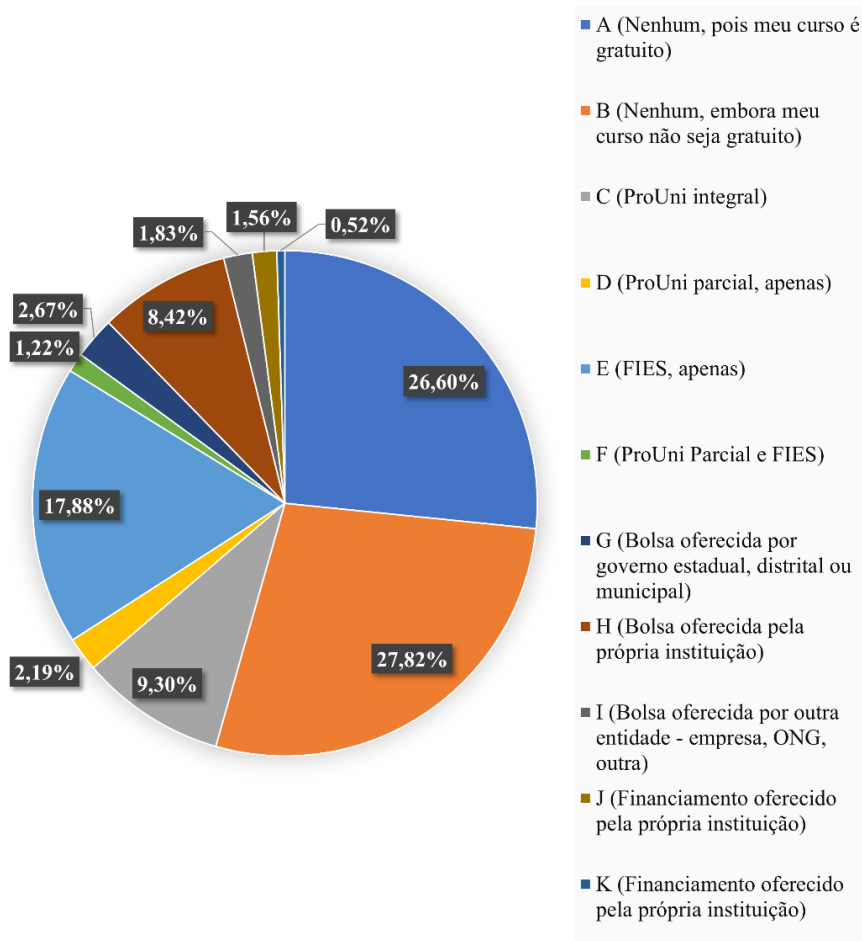


Fonte: INEP. Microdados Enade 2017, 2018 e 2019. Questionário do Estudante. Elaboração Própria.

Além disso, a maioria dos estudantes “Zs” cursaram todo o ensino médio em escola pública (59,17%) ou todo em escola particular/privada (34,06%). A respeito da modalidade de ensino, há uma predominância do ensino médio tradicional (89,26%), e em menor proporção do ensino profissionalizante técnico (8,18%). Vale ressaltar que entre os universitários com idade igual ou superior a 24 anos também prevalecem estudantes oriundos inteiramente de escolas públicas — 69,82%. Demonstrando-se a incorporação dessa parcela da população ao ensino superior.

Partindo para as formas de custeio da graduação utilizadas pelos jovens “Zs”, 54,42% declararam que não receberam nenhum tipo de bolsa de estudos ou financiamento para custear todas ou a maioria das mensalidades do curso — 26,60% porque o curso era gratuito e 27,82% embora este não fosse gratuito. Ademais, a maior parte do custeio dos cursos superiores foi conferida pelo FIES (17,88%) e ProUni Integral (9,30%), expressando a importância desses programas governamentais para o acesso à universidade. Outro artifício que se destaca são as bolsas oferecidas pelas próprias instituições (8,42%).

FIGURA 10: TIPO DE BOLSA DE ESTUDOS OU FINANCIAMENTO RECEBIDO PARA CUSTEAR TODAS OU A MAIOR PARTE DAS MENSALIDADES ENTRE MENORES 24 ANOS



Fonte: INEP. Microdados Enade 2017, 2018 e 2019. Questionário do Estudante. Elaboração Própria.

Quanto ao recebimento de bolsas acadêmicas ou de permanência entre os universitários “Zs”, essa é a realidade da minoria, 75% não receberam nenhuma bolsa acadêmica e 92,46% nenhuma bolsa permanência durante a graduação.

Dentre aqueles que receberam alguma espécie de bolsa permanência percebem-se divergências ao panorama apresentado na seção 2, onde são observados todos os universitários que realizaram a prova do Enade no último ciclo avaliativo.

Entre os “Zs”, discentes negros (somatória de pretos e pardos) compreendem uma maioria substancial em 2 categorias de bolsa permanência: no auxílio permanência (54,99%) e no auxílio moradia (53,28%). No entanto, representam uma maioria menos significativa no auxílio-alimentação (49,18%) e em outros tipos de auxílio (48,44%) — não ultrapassando, respectivamente, 3,39% e 2,16% a diferença de estudantes negros e brancos sendo contemplados. Ainda, no que se refere ao auxílio moradia e alimentação, a maioria a recebê-lo são estudantes brancos (50,07%).

TABELA 1 - BOLSAS DE PERMANÊNCIA

Tipos de auxílio	Alunos brancos		Alunos negros (pretos e pardos)	
	Geral	“Zs”	Geral	“Zs”
auxílio permanência	36,61%	39,27%	57,16% [pretos 16,28% e pardos 40,58%]	54,99% [pretos 14,87% e pardos 40,12%]
auxílio moradia	39,94%	41,37%	53,96% [pretos 13,09% e pardos 40,87%]	53,28% [pretos 11,14% e pardos 42,14%]
auxílio alimentação	43,16%	45,79%	51,31% [pretos 12,56% e pardos 38,75%]	49,18% [pretos 11,06% e pardos 38,12%]
auxílio moradia e alimentação	47,69%	50,07%	46,27% [pretos 12,52% e pardos 33,75%]	44,65% [pretos 10,72% e pardos 33,93%]
outros tipos de auxílio	43,20%	46,28%	50,98% [pretos 12,49% e pardos 38,49%]	48,44% [pretos 10,66% e pardos 37,66%]

Fonte: INEP. Microdados Enade 2017, 2018 e 2019. Questionário do Estudante. Elaboração Própria.

Em relação às bolsas acadêmicas, repete-se o quadro esboçado na seção 2. Nas 5 categorias propostas predominam discentes brancos — nas bolsas de iniciação científica (60,78%), mentoria/tutoria (58,16%), PET (57,86%), extensão (56,60%) e outros tipos de bolsa (55,14%).

TABELA 2 - BOLSAS ACADÊMICAS

Tipos de bolsas	Alunos brancos		Alunos negros (pretos e pardos)	
	Geral	“Zs”	Geral	“Zs”
bolsas de iniciação científica	58,08%	60,78%	35,79% [pretos 8,33% e pardos 27,46%]	33,78% [pretos 7,24% e pardos 26,54%]
bolsas de mentoria/tutoria	55,98%	58,16%	38,28% [pretos 8,06% e pardos 30,22%]	36,80% [pretos 7,15% e pardos 29,65%]
bolsas pet	54,67%	57,86%	38,97% [pretos 9,47% e pardos 29,40]	36,21% [pretos 7,60% e pardos 28,61%]
bolsas de extensão	52,99%	56,60%	40,99% [pretos 10,50% e pardos 30,49%]	38,09% [pretos 9,10% e pardos 28,99%]
outros tipos de bolsa acadêmica	50,94%	55,14%	43,50% [pretos 10,30% e pardos 33,20%]	39,83% [pretos 8,83% e pardos 31,00%]

Fonte: INEP. Microdados Enade 2017, 2018 e 2019. Questionário do Estudante. Elaboração Própria.

Observou-se que o EAD (Ensino à Distância) não é uma modalidade com presença marcante de jovens ‘Zs’; apenas 5,14% dos alunos com menos de 24 anos cursou o ensino superior na

modalidade EAD, enquanto 94,86% realizavam o curso presencial. Tal informação vai no sentido contrário às expectativas, visto que, a geração Z é conhecida por sua familiaridade com as tecnologias; esses indivíduos nasceram com o advento da internet e do 'boom' tecnológico, cresceram em uma sociedade com acesso à internet, computadores e telefones celulares. Sendo assim, uma hipótese para esse número diminuto de “Zs” no ensino à distância seria o fato da modalidade ainda não estar consolidada no ensino superior.

Em relação à distribuição da Geração Z entre os cursos de graduação, notou-se uma maior presença no período noturno (47,58%) e integral (37,19%). Os três cursos com maior percentual destes jovens são: Relações Internacionais (65,23%); Tecnologia em Design Gráfico (63,41%) e Comunicação Social — Publicidade e Propaganda (61,69%). Bem como, os três cursos com menor representação de 'Zs' são: Tecnologia da Gestão da Produção Industrial (16,63%); Tecnologia em Segurança no Trabalho (13,64%) e Teologia (6,20%).

Porém, os cursos que concentram a maioria dos estudantes que realizaram o Enade 2017, 2018 e 2019 são Direito (9,57%), Pedagogia (Licenciatura) (8,74%), Administração (7,92%) e Engenharia Civil (7,24%). Expressando uma divergência nos interesses dos estudantes 'Zs' quando comparados aos demais.

Em geral, apesar da compreensão de que os universitários têm maior familiaridade com as tecnologias, as carreiras voltadas para tecnologia detém apenas 3,68% do total de alunos da graduação [Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (0,83%), Tecnologia em Redes de Computadores (0,22%), Engenharia da Computação (0,57%), Ciência da Computação (Bacharelado) (0,67%), Ciência da Computação (Licenciatura) (0,10%), Sistemas de Informação (0,99%), e Tecnologia em Gestão da Tecnologia da Informação (0,30%)].

Não obstante, indo em encontro às expressões ‘Geração Digital’ e ‘Geração Internet’ (FAGUNDES, 2011), quando o enfoque se dá aos jovens da geração Z estes compreendem uma parcela substancial dos alunos de cursos da área de tecnologia, sobretudo Ciência da Computação — Bacharelado (52,72%), Engenharia da Computação (48,03%), Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (43,33%) e Sistemas de Informação (42,72%).

Os jovens 'Zs' são maioria em % nos cursos da área de biológicas, por exemplo, em Biomedicina (60,20%), Ciências Biológicas (60,18%) e Medicina Veterinária (50,79%). Com destaque para a área da saúde, estão predominantemente nos cursos de Odontologia (59,92%), Fonoaudiologia (54,92%), Fisioterapia (51,42%) e Nutrição (49,75%). Entretanto, essa presença é menor no curso de Medicina (24,92%), o que pode relacionar-se ao ingresso mais concorrido nos processos seletivos, com notas de corte mais elevadas. Por exemplo, a maior nota de corte do Sisu 2021 (Sistema de Seleção Unificada), 952,51 pontos, corresponde a Medicina — Integral (ampla concorrência), na Universidade Federal do Maranhão (UFMA); a nota de corte média para passar no

curso de Medicina no Sisu 2021 foi de 814,73 pontos, enquanto para Odontologia, Fonoaudiologia, Fisioterapia e Nutrição foram, respectivamente, 753,15; 691,21; 712,28 e 698,67 pontos.

Para mais, evidencia-se uma menor tendência dos 'Zs' a adentrarem nos cursos voltados à docência, havendo menos alunos com idade inferior a 24 anos realizando licenciaturas. Eles são 33,39% em Matemática; 32,55% em História; 30,87% em Letras-Português; 29,90% em Geografia; 29,67% Letras-Português e Espanhol; 28,90% em Ciências Sociais; 27,80% em Música; 26,74% em Ciência da Computação; 24,39% em Artes Visuais; 22,55% em Filosofia e 21,95% em Pedagogia. Fazem-se exceções os cursos de licenciatura em Educação Física (46,46%), Ciências Biológicas (44,10%) e Química (40,70%).

TABELA 3 - RANKING DE CURSOS COM MENOR PRESENÇA DA GERAÇÃO Z

Posição	Curso	Percentual de menores de 24 anos
1º	Teologia	6,20%
2º	Tecnologia em Segurança No Trabalho	13,64%
3º	Tecnologia em Gestão Da Produção Industrial	16,63%
4º	Tecnologia em Gestão Hospitalar	17,39%
5º	Tecnologia em Gestão Pública	18,01%
6º	Serviço Social	19,20%
7º	Tecnologia em Gestão Comercial	19,77%
8º	Tecnologia em Gestão Da Qualidade	20,16%
9º	Tecnologia em Processos Gerenciais	20,99%
10º	Tecnologia em Gestão Ambiental	21,85%

Fonte: INEP. Microdados Enade 2017, 2018 e 2019. Elaboração Própria.

Outrossim, nota-se que 8 entre os 10 cursos com menor presença de jovens 'Zs' são da categoria Tecnologia, que conferem o grau de tecnólogo ao concluinte. São as tecnologias em: Gestão Ambiental (21,85%); Processos Gerenciais (20,99%); Gestão da Qualidade (20,16%); Gestão Comercial (19,77%); Gestão Pública (18,01%); Gestão Hospitalar (17,39%); Gestão da Produção Industrial (16,63%); e Segurança no Trabalho (13,64%). Uma das possíveis razões é referente a certas desvantagens desta formação, os salários geralmente inferiores a outras graduações; a maior dificuldade de encontrar empregos em outras áreas, devido ao caráter menos generalista do curso; e a exigência de alguns concursos públicos pelo grau de bacharelado.

Todavia, o curso que retém o menor número de "Zs" é Teologia, com apenas 6,20% de discentes da Geração Z. O desinteresse por uma graduação que tem como foco o estudo e a compreensão das religiões acompanha uma tendência de desengajamento religioso vista por McCrindle (2014) entre os jovens australianos:

A frequência à igreja e a afiliação religiosa vêm diminuindo há alguns anos e, embora tenha sido a aversão dos boomers pela religião organizada que desencadeou esse declínio, a tendência continuou. (...) as Gerações Y e Z são as faixas etárias mais sub-representadas na igreja. Na verdade, apenas 5% dos jovens adultos frequentam

a igreja regularmente. (...) O afastamento da religião organizada e cada vez mais a secularização é uma tendência que ocorre em todo o Ocidente. (MCCRINDLE, 2014, p. 42 – 44).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa era descrever as características dos estudantes do ensino superior que finalizaram seus cursos às vésperas da crise sanitária, em especial, os que compõe a chamada Geração Z. Como também, verificar indícios de desigualdades na composição do corpo discente construído no processo de expansão da educação superior no Brasil. Para refletir sobre a importância de iniciativas governamentais e políticas afirmativas na ampliação das oportunidades.

Foi possível traçar a implementação de programas governamentais nas últimas décadas que contribuíram para a ampliação do acesso à educação superior no país. O Fies (1999) e o ProUni (2004) voltados ao ingresso em instituições privadas, por meio de financiamento estudantil e bolsas de estudo integrais e parciais, respectivamente; a Lei de Diretrizes e Bases — LDB (2005) que regulamenta o ensino à distância (EaD); o REUNI (2007), dedicado a criação de novos Campi e universidades públicas; o Sisu (2010) que torna possível a inscrição em universidades públicas de todo país através da nota do Enem; e a Lei de Cotas (2012), que reserva uma porcentagem das vagas para estudantes oriundos de escola pública, de baixa renda, negros, pardos, indígenas, e pessoas com deficiência.

O uso da abordagem das capacitações permitiu compreender a educação como um fator de conversão, que age sobre os funcionamentos e contribui para a ampliação das liberdades e autonomia de escolha. Mas, que interage com as características pessoais e os valores e normas culturais presentes na sociedade onde o indivíduo está inserido, não se refletindo igualmente em oportunidades.

Em relação às características dos possíveis concluintes do ensino superior, por intermédio dos microdados do Enade 2017, 2018 e 2019, foi possível verificar aspectos desses estudantes. Há uma predominância de mulheres (56%), com idade média de 29 anos. Solteiros (72,59%), brancos (53,17%) e morando com os pais e/ou parentes (55,28%). São dependentes em algum grau da ajuda financeira da família ou de outras pessoas (55,43%). A renda familiar de até 4,5 salários mínimos tem 69,11% dos estudantes e na faixa de 1,5 a 3 salários mínimos (R\$ 1.431,01 a R\$ 2.862,00), 28,14%. 40,21% não está trabalhando. Os que haviam cursado todo o ensino médio em escola pública são 65,51%, e em média, concluíram o ensino médio em 2008 e iniciaram a graduação em 2014 (um intervalo de 6 anos). Em 67,95% dos casos, alguém em sua família concluiu um curso superior, embora mães e pais não possuam ensino superior, respectivamente, 74,94% e 80,33%. O nível de escolaridade materno (33,25%) e paterna (31,52%) é o ensino médio.

Realizam o curso superior na modalidade presencial (84,54%) e no período noturno (53,32%). Não adentraram na graduação por meio de políticas de ação afirmativa ou inclusão social (77,62%). Assim como, não receberam nenhuma bolsa de permanência (93,31%) ou bolsa acadêmica (80,50%)

durante a graduação. Em 54,84% dos casos, não receberam bolsas de estudo ou financiamento estudantil para custear todas ou a maioria das mensalidades do curso superior, Concentram-se principalmente nos cursos de direito, 9,57%, pedagogia (licenciatura), 8,74%, administração, 7,92%, e engenharia civil, 7,24%.

Quanto aos universitários da Geração Z, esses são 38,42% dos concluintes do ensino superior neste período e detém idade inferior a 24 anos. Algumas de suas características assemelham-se aos demais. Também há uma predominância feminina (59,87%), são solteiros (93,45%), brancos (57,56%), moram em casa/apartamento com os pais e/ou parentes (75,53%) e recebem ajuda financeira da família ou de outras pessoas (70,93%). 52,98% não está trabalhando. A renda familiar de até 4,5 salários mínimos compreende a 66,29% dos universitários “Zs”, sendo 26,81% na faixa de 1,5 a 3 salários mínimos (R\$ 1.431,01 a R\$ 2.862,00).

Haviam cursado todo o ensino médio em escola pública (59,17%) e em modalidade tradicional (89,26%). Concluíram, em média, o ensino médio em 2013 e iniciaram a graduação em 2014 (intervalo de apenas 1 ano). Em 69,72% dos casos, alguém na família concluiu um curso superior, apesar de mães e pais não possuírem ensino superior, respectivamente, 66,32% e 75,12%. O nível de escolaridade materna (37,67%) e paterna (36,53%) é o ensino médio.

Do mesmo modo, realizam o curso superior na modalidade presencial (94,86%), e em menor proporção, no período noturno (47,58%). Não ingressaram na graduação por meio de políticas de ação afirmativa ou inclusão social (75,87%) e não receberam nenhuma espécie de bolsa de permanência (92,46%) ou bolsa acadêmica (75%) durante a graduação. Assim como, para 54,42% dos “Zs”, o custeio de todas ou a maioria das mensalidades do curso superior não se deu por meio de bolsas de estudo ou financiamento estudantil.

Todavia, representam o maior percentual de estudantes nos cursos de relações internacionais, 65,23%, tecnologia em design gráfico, 63,41%, e comunicação social — publicidade e propaganda, 61,69%, detendo preferências distintas.

Uma diferença significativa entre os dois grupos apresenta-se diante dos discentes contemplados por bolsas permanência. Sob uma visão geral daqueles que realizaram a prova do Enade e disseram recebê-las, 6,69%, a maioria é negra, a partir da soma de pretos e pardos, em 4 dos 5 critérios (auxílio moradia, 53,96%, auxílio-alimentação, 51,31%, auxílio permanência, 57,16%, e outros tipos de auxílio, 50,98%) Apenas no critério auxílio moradia e alimentação o número de negros e brancos é similar — respectivamente, 46,27% e 47,69%.

Contudo, entre os “Zs” os discentes negros compreendem uma maioria substancial em 2 categorias de bolsa permanência: no auxílio permanência, 54,99%, e no auxílio moradia, 53,28%. No entanto, representam uma maioria menos significativa no auxílio-alimentação, 49,18%, e em outros tipos de auxílio, 48,44%, — enquanto discentes brancos eram, respectivamente, 45,79% e 46,28%.

Ainda, no que se refere ao auxílio moradia e alimentação, a maioria a recebê-lo são estudantes brancos, 50,07%.

Outrossim, os últimos dados do Enade indicam um aumento da diversidade dentro da universidade; ao expressarem que se ampliou a presença de estudantes pretos, pardos e amarelos. Entre todos os concluintes que realizaram o Enade 2017, 2018 e 2019, 8,89% eram pretos, 32,98% pardos e 2,42% amarelos; bem como, em meio aos “Zs” são, respectivamente, 7,48%, 30,43% e 2,40%. Ao passo que, comparativamente, aqueles que fizeram o Enade no início da década — 2010, 2011 e 2012, 7,24% eram pretos, 27,97% pardos e 1,78% amarelos. Entretanto, os dados apontam para uma diminuição no número de concluintes do ensino superior de origem indígena. Nas edições do Enade 2010, 2011 e 2012, os indígenas representavam 0,68% (7089), já os microdados relativos a 2017, 2018 e 2019 mostram 0,35% (4750) — tendência que se repete entre os “Zs”, onde são 0,28% (1558).

Ademais, vale ressaltar o papel do Fies e ProUni Integral no custeio de todas ou da maioria das mensalidades de 26,50% dos concluintes do ensino superior entre 2017 e 2019 (Fies 18,73% e ProUni integral 7,77%) e 27,18% dos “Zeds” (Fies 17,88% e ProUni integral 9,30%).

Assim como, destaca-se o uso predominante de duas espécies de políticas de ação afirmativa ou inclusão social: para estudantes de escola pública ou particular com bolsa de estudos e sob o critério de renda, utilizadas por 13,41% dos concluintes do ensino superior entre 2017 e 2019 (6,94% por ter estudado em escola pública ou particular com bolsa de estudos e 6,47% por critério de renda) e entre 15,24% dos jovens “Zs” (8,97% por ter estudado em escola pública ou particular com bolsa de estudos e 6,27% por critério de renda).

Tais características levantadas sugerem que o processo de expansão da educação superior no Brasil permitiu a alunos oriundos de escolas públicas e de estratos de renda mais baixos ingressarem na universidade, visto que compreendem o perfil majoritário dos concluintes que realizam o Enade. Do mesmo modo, indicam que o universitário da Geração Z é proveniente do ensino médio público, solteiro, mora com a família, depende da ajuda financeira dos familiares ou de outras pessoas, tem renda familiar de até 4,5 salários mínimos e não está trabalhando no final da graduação. Além disso, apontam que iniciativas governamentais de financiamento estudantil e de oferta de bolsas de estudo integrais contribuiriam para a formação mais de $\frac{1}{4}$ (um quarto) dos universitários analisados, demonstrando-se essenciais.

Sendo assim, seria interessante em trabalhos futuros pormenorizar os dados referentes as políticas de ação afirmativa e inclusão social, e verificar, particularmente, a trajetória de indígenas e pessoas com deficiência na universidade. Por fim, espera-se que essa pesquisa contribua para a compreensão da atual composição do corpo discente das universidades brasileiras e em futuras

reflexões a respeito da importância de iniciativas governamentais e políticas afirmativas para diversificação do perfil dos discentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Wilson Mesquita de. Estudantes com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade. **Cadernos CRH**, Salvador, vol. 20, nº 49, 2007. Disponível em: <<https://doaj.org/article/d5e9b20fde564459ade60c0435992785>>. Acesso em: 27 jul. 2021.

COMIM, Flavio. **Além da Liberdade**: Anotações Críticas do Desenvolvimento como Liberdade de Amartya Sen. Independently Published. 2021.

FAGUNDES, M. M. **Competência Informacional e Geração Z**: um estudo de caso de duas escolas de Porto Alegre. 2011. 105 f. Trabalho de Conclusão de curso biblioteconomia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2011.

FILARDI, André Moura Blundi; PADIM, Dayton Fernando. Políticas públicas de expansão do ensino superior no Brasil no contexto da mundialização do capital, **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, ed. nº 61, p. 403-415, 1 jul. 2015. Disponível em: <<https://doaj.org/article/c3df720a059245b0b6e2b7ceb9141f77>>. Acesso em: 02 ago. 2021, p. 413.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes. Microdados. Vários anos.

JORDÃO, Matheus Hoffmann. **A mudança de comportamento das gerações X, Y, Z e Alfa e suas implicações**. São Carlos: USP, 2016. Disponível em: <https://docplayer.com.br/53775829--de-comportamento-das-geracoes-x-y-z-e-alfa-e-suas-implicacoes.html>.

HART, Caroline Sarojini. The Capability approach and education, **Cambridge Journal of Education**, V.42(3), P. 275-282, 01 September 2012. DOI: 10.1080/0305764X.2012.706393.

LEVENFUS, R. S. Geração Zapping e o sujeito da orientação vocacional. In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. **Orientação vocacional/ocupacional, novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MAURER, André Luiz. **As Gerações Y e Z e suas âncoras de carreira**: contribuições para a gestão estratégica de operações. 2013. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul. 2013.

MCCRINDLE, M. **The ABC of XYZ**: Understanding the Global Generations. 2014.

MILL, Daniel. Educação a Distância: cenários, dilemas e perspectivas. **Revista de Educação Pública**, [S. l.], v. 25, n. 59/2, p. 432-454, 2016. DOI: 10.29286/rep.v25i59/2.3821. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/3821>>. Acesso em: 29 dez. 2021.

NUSSBAUM, Martha. **Creating Capabilities**: The Human Development Approach. London: Cambridge Press, 2011.

PINTO, José Marcelino de Rezende. O acesso à educação superior no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 25, n. 88, p. 727-756, Especial - Out. 2004, 19 jan. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/v4QvPxCR99Z874zpkLvmSMF/?lang=pt>>. Acesso em: 02 ago. 2021.

QUINTANILHA, Luiz Fernando. Inovação pedagógica universitária mediada pelo Facebook e YouTube. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 65, p. 249-263, jul./set. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/DtqpqKHBLg59MMfQkKZPfZv/?lang=pt>>. Acesso em: 5 ago. 2021.

ROBEYNS, Ingrid. The Capability Approach: a theoretical survey, **Journal of Human Development and Capabilities**, V.6, P. 93-117, March 2005. DOI: 10.1080/146498805200034266. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/146498805200034266>>. Acesso em: 13 jul. 2021.

SEN, Amartya K. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEN, Amartya K. **Desigualdade Reexaminada**. São Paulo: Ed. Record, 2008.

SOARES JUNIOR, Marco Antonio Costa. **Presença vale nota, professor?** Desempenho de estudantes do ensino superior na modalidade EAD. [Dissertação de mestrado]. São Bernardo do Campo: Universidade Federal do ABC, Programa de Pós-Graduação em Economia, 2021.

APÊNDICE

QUADRO 1 - CURSOS ANALISADOS POR ANO DO ENADE

ENADE 2017	ENADE 2018	ENADE 2019
arquitetura e urbanismo (b)	administração (b)	agronomia (b)
artes visuais (l)	administração pública (b)	arquitetura e urbanismo (b)
ciência da computação (b e l)	ciências contábeis (b)	biomedicina (b)
ciências biológicas (b e l)	ciências econômicas (b)	educação física (b)
ciências sociais (b e l)	design (b)	enfermagem (b)
educação física (l)	direito (b)	engenharia ambiental (b)
engenharia (b)	jornalismo (b)	engenharia civil (b)
engenharia ambiental (b)	psicologia (b)	engenharia de alimentos (b)
engenharia civil (b)	publicidade e propaganda (b)	engenharia de computação (b)
engenharia de alimentos (b)	relações internacionais (b)	engenharia de controle e automação (b)
engenharia de computação (b)	secretariado executivo (b)	engenharia de produção (b)
engenharia de controle e automação (b)	serviço social (b)	engenharia elétrica (b)
engenharia de produção (b)	teologia (b)	engenharia florestal (b)
engenharia elétrica (b)	turismo (b)	engenharia mecânica (b)
engenharia florestal (b)	tecnologia em comércio exterior	engenharia química (b)
engenharia mecânica (b)	tecnologia em design de interiores	farmácia (b)
engenharia química (b)	tecnologia em design de moda	engenharia química (b)
filosofia (b e l)	tecnologia em design gráfico	filosofia (b e l)
física (b e l)	tecnologia em gastronomia	física (b e l)
geografia (b e l)	tecnologia em gestão comercial	geografia (b e l)
história (b e l)	tecnologia em gestão da qualidade	história (b e l)
letras – inglês (l)	tecnologia em gestão de rec. humanos	letras – inglês (l)
letras - português (b e l)	tecnologia em gestão financeira	letras - português (b e l)
letras - português e espanhol (l)	tecnologia em gestão pública	letras - português e espanhol (l)
letras - português e inglês (l)	tecnologia em logística	letras - português e inglês (l)
matemática (b e l)	tecnologia em marketing	matemática (b e l)
música (l)	tecnologia em processos gerenciais	música (l)

pedagogia (l)		pedagogia (l)
química (b e l)		química (b e l)
sistema de informação (b)		sistema de informação (b)
tecnologia em análise e desenvolvimento de sistemas		tecnologia em análise e desenvolvimento de sistemas
tecnologia em gestão da produção industrial		
tecnologia em gestão da tecnologia da informação		
tecnologia em redes de computadores		

Fonte: INEP. Enade 2017, 2018 e 2019. Elaboração Própria.

Nota: B (Bacharelado) e L (Licenciatura)

TABELA 4 - GERAÇÃO Z POR CURSOS DE GRADUAÇÃO

Cursos	Percentual de menores de 24 anos
relações internacionais	65,23%
tecnologia em design gráfico	63,41%
comunicação social - publicidade e propaganda	61,69%
matemática (bacharelado)	60,93%
comunicação social - jornalismo	60,30%
biomedicina	60,20%
ciências biológicas (bacharelado)	60,18%
odontologia	59,92%
física (bacharelado)	58,28%
química (bacharelado)	56,05%
engenharia química	55,73%
engenharia de alimentos	55,68%
tecnologia em estética e cosmética	55,13%
fonoaudiologia	54,92%
design	54,36%
tecnologia em design de moda	53,13%
ciência da computação (bacharelado)	52,72%
arquitetura e urbanismo	52,06%
tecnologia em design de interiores	51,43%
engenharia	51,42%
fisioterapia	51,15%
medicina veterinária	50,79%
nutrição	49,75%
agronomia	49,60%
zootecnia	49,57%
engenharia florestal	49,18%
engenharia da computação	48,03%
educação física (licenciatura)	46,46%
tecnologia em comércio exterior	45,87%
turismo	45,76%
engenharia civil	45,52%
ciências biológicas (licenciatura)	44,10%
ciências econômicas	44,08%
letras-português (bacharelado)	43,47%
tecnologia em gastronomia	43,46%
tecnologia em análise e desenvolvimento de sistemas	43,33%
sistemas de informação	42,72%
tecnologia em agronegócios	41,69%

história (bacharelado)	40,85%
química (licenciatura)	40,70%
engenharia ambiental	40,68%
direito	40,07%
física (licenciatura)	38,30%
letras-português e inglês (licenciatura)	37,99%
farmácia	37,98%
psicologia	37,62%
tecnologia em radiologia	37,60%
engenharia mecânica	37,38%
enfermagem	37,17%
engenharia de controle e automação	37,16%
engenharia de produção	35,79%
geografia (bacharelado)	35,70%
tecnologia em gestão de recursos humanos	35,47%
administração	35,39%
tecnologia em redes de computadores	34,35%
ciências sociais (bacharelado)	34,17%
letras - inglês	34,01%
engenharia elétrica	33,97%
matemática (licenciatura)	33,39%
ciências contábeis	33,11%
secretariado executivo	32,72%
história (licenciatura)	32,55%
educação física (bacharelado)	32,08%
tecnologia em gestão da tecnologia da informação	32,02%
tecnologia em marketing	31,24%
letras-português (licenciatura)	30,87%
geografia (licenciatura)	29,90%
letras-português e espanhol (licenciatura)	29,67%
ciências sociais (licenciatura)	28,90%
tecnologia em logística	27,90%
música (licenciatura)	27,80%
tecnologia em gestão financeira	27,69%
ciência da computação (licenciatura)	26,74%
filosofia (bacharelado)	26,04%
medicina	24,92%
artes visuais (licenciatura)	24,39%
administração pública	22,92%
filosofia (licenciatura)	22,55%
pedagogia (licenciatura)	21,95%
tecnologia em gestão ambiental	21,85%
tecnologia em processos gerenciais	20,99%
tecnologia em gestão da qualidade	20,16%
tecnologia em gestão comercial	19,77%
serviço social	19,20%
tecnologia em gestão pública	18,01%
tecnologia em gestão hospitalar	17,39%
tecnologia em gestão da produção industrial	16,63%
tecnologia em segurança no trabalho	13,64%
teologia	6,20%

Fonte: INEP. Microdados Enade 2017, 2018 e 2019. Elaboração Própria.